

UME EDMÉA LADEVIG ANO:

7° A

COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA

PROFESSOR LUIZ ANTONIO CANUTO DOS SANTOS

PERÍODO DE 18 A 29 DE OUTUBRO DE 2021

Habilidade:

(EF07HI08C) Analisar as formas de aliança e conflito entre os portugueses e os indígenas na região: João Ramalho, Tibiriçá, Cunhambebe.

Nome: _____ **N°** _____ **7 A**

ROTEIRO DE ESTUDOS

LEIA OS TEXTOS COM ATENÇÃO, RESPONDA ÀS QUESTÕES E ENTREGUE PRESENCIALMENTE NA UME EDMÉA LADEVIG ATÉ O DIA 29 DE OUTUBRO DE 2021. NÃO ENVIE FOTO DA ATIVIDADE PELO WHATSAPP OU POR E-MAIL.

As alianças entre portugueses e indígenas: João Ramalho, Tibiriçá e Cunhambebe

A história do Brasil é dividida em quatro períodos: Pré-Colonial, Colonial, Monarquia e República.

O período Pré-Colonial tem início com a chegada de Pedro Álvares Cabral até a vinda de Martim Afonso de Souza, a mando do rei D. João III, com várias missões, inclusive a de fundar vilas. Para isso, vieram com ele cerca de 400 homens dispostos a se fixarem no Brasil e dar início ao processo colonizador.

Mas isso não significa que, antes da chegada de Martim Afonso, outros portugueses e europeus já não vivessem por aqui. Eram geralmente naufragos e degredados. Porém havia, também, homens com espírito aventureiro que, por vontade própria, vinham para o Brasil em busca de fortuna e privilégios junto à coroa portuguesa.

Esse foi o destino de João Ramalho, que entrou para a história como "O pai dos paulistas".

Quem foi João Ramalho?

João Ramalho foi um português que veio para o Brasil, provavelmente em 1512. Ele pode ter sido sobrevivente de um naufrágio ou um degredado.

Em 1532, convenceu o cacique Tibiriçá, de quem era genro, a não

atacar a esquadra de Martim Afonso de Souza, quando este desembarcou em São Vicente e, ao invés disso, a dar-lhe auxílio.

João Ramalho ajudou Martim Afonso na fundação da Vila de São Vicente e o guiou pela Serra do Mar até os Campos de Piratininga, através das trilhas indígenas, das quais era um grande conhecedor.



Benedito Calixto. João Ramalho apontando o caminho de Piratininga a Martim Afonso de Souza. Palácio de São Joaquim (RJ).

<https://4.bp.blogspot.com/-u14CF-HpId8/UPa4wT7grlI/AAAAAAAAACfo/tmUcMPWgHuA/s1600/%5B01%5D+Pintura+Joao+Ramalho+-+obra+de+Benedito+Calixto.JPG>. Acesso em: 22/09/2020.

João Ramalho vivia entre os indígenas, no planalto de Paranapiacaba - lugar de onde se vê o mar, em Tupi. Possuía várias esposas indígenas e filhos com elas. João Ramalho inseriu-se numa instituição social comum entre os nativos, chamada de **cunhadismo**. Por meio do cunhadismo, um estrangeiro era introduzido na comunidade sendo-lhe oferecida uma mulher. Assim como faziam entre si, os indígenas estendiam essa gentileza aos europeus. Essa mulher era chamada **temericó**. Esse costume era a consagração de um pacto de sangue. Pelo cunhadismo, o marido contava com o auxílio de toda a comunidade tanto no trabalho quanto na guerra. Dessa forma, ao unir-se com temericós de diferentes aldeias, construía-se uma ampla rede de alianças que, bem administrada pelos europeus que conseguiam se valer dessa instituição, conquistava riqueza, poder e sobrevivência.

A principal esposa de João Ramalho era M'bicý (Flor de Árvore), também conhecida por **Bartira** ou Portira. Bartira era filha de Tibiriçá "Senhor dos campos de Piratininga", principal chefe tupiniquim que, segundo Frei Gaspar da Madre de Deus, era "o cacique mais poderoso e o melhor guerreiro do continente". Ao se casar com Bartira, João Ramalho uniu-se a Tibiriçá, o que lhe garantiu muitas vantagens, entre elas guerreiros e fortificações.



João Ramalho e um de seus filhos.

<https://santoandrememoria.wordpress.com/2017/06/25/joao-ramalho-por-entre-duas-aguas-atravessei-a-vida/> Acesso em: 11/08/2020.

Totalmente "indianizado", João Ramalho participava da guerra ao lado dos indígenas e de suas cerimônias religiosas. Geralmente andava nu e não obedecia aos preceitos da religião católica.

Desde cedo, João Ramalho auxiliou os portugueses na expansão territorial em São Vicente e no planalto de Piratininga. Mobilizou seus homens contra os Guaianases, contra os Carijós e também contra os rivais de Tibiriçá.

A escravização de muitos nativos pelos portugueses, nesse período, ocorreu com o auxílio de Ramalho, conhecido como "patriarca dos mamelucos".

Em 1562, mesmo ano da morte de Tibiriçá, João Ramalho chefio um massacre contra os Tupiniquins rebeldes, em São Paulo, por ordem da câmara da Vila. Foi nessa povoação, aliás, que passou a residir, em 1560, cumprindo ordens do governador-geral Mem de Sá. Em 1564, recusou o cargo de vereador, já com mais de 70 anos de idade. Documentos mencionam que, em 1580, João Ramalho ainda estava vivo, beirando os 100 anos.

Tibiriçá

Como vimos na história de João Ramalho, Tibiriçá foi um dos principais caciques tupiniquins da região de Piratininga, no planalto paulista. **Tibiriçá** ("vigilante da terra") foi batizado pelos padres jesuítas José de Anchieta e Leonardo Nunes com o nome cristão de Martim Afonso, em homenagem ao fundador de São Vicente. Tornou-se aliado dos colonizadores e sogro de João Ramalho, este casado com sua filha Bartira. Em 1554, Tibiriçá uniu-se a Manuel

da Nóbrega e José de Anchieta na fundação de São Paulo, estabelecendo seu povo na área onde hoje está o Mosteiro de São Bento, no centro da capital. Falecido em 25 de dezembro de 1562, seus restos mortais estão guardados na cripta da Catedral da Sé.



Cacique Tibiriçá e Neto, tela de 2,31m x 1,45m, parte do acervo do Museu Paulista do Ipiranga. José Wasth, c. 1932.

https://vejasp.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/11/12002893_1017520401603208_6105775949616640719_n.jpg?quality=70&strip=info. Acesso em 12/08/2020.

Tibiriçá era líder da aldeia de Inhapuambuçu, também chamada de Piratininga, a mais numerosa da região, com a qual rivalizavam as de Jurubatuba e de Urutaí, chefiadas por Caiubi e Piquerobi, que, segundo alguns documentos, seriam irmãos de Tibiriçá.

A importância de Tibiriçá reside em ter sido o protagonista na formação das "relações luso-indígenas" na região que veio a ser São Paulo.

Foi por meio da aliança com Tibiriçá que os portugueses se assentaram na região, fundando São Vicente, depois São Paulo, dando início ao tráfico de escravos nativos. Tibiriçá viu, nesta aliança, um reforço contra seus tradicionais inimigos, os Guaianases e os Carijós. As guerras entre aldeias tornaram-se a principal fonte de escravos no início da colonização. Tibiriçá recebia em troca armas, pólvora e outros produtos. Contava também com o apoio de Caiubi. Porém, Piquerobi se opunha a essa aliança, resultando numa guerra entre os Tupiniquins, cuja vitória coube a Tibiriçá.

O apoio aos portugueses, aos jesuítas e sua conversão ao catolicismo renderam a Tibiriçá o reconhecimento da Coroa, que lhe concedeu uma tença anual (pensão) e o hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

A aliança de Tibiriçá, em um curto espaço de tempo, revelou-se desastrosa para os nativos. O contato com os portugueses modificou suas tradições assim como o modo e os objetivos da guerra, além da difusão de doenças que dizimaram o grupo. Tibiriçá morreu em 1562, vítima de uma epidemia de disenteria trazida pelos escravos que começavam a chegar da África para trabalhar nas vilas vizinhas à sua aldeia.

Diversos historiadores viram em Tibiriçá um "traidor de sua própria raça", por ter combatido ao lado dos portugueses e apoiados jesuítas - interpretação que desconhece a lógica da guerra indígena entre os Tupis.

Cunhambebe

Cunhambebe foi o maior chefe da Confederação dos Tamoios, na região entre Cabo Frio (Rio de Janeiro) e Bertioga (São Paulo), contra os portugueses e seus aliados tupiniquins em meados do século XVI.

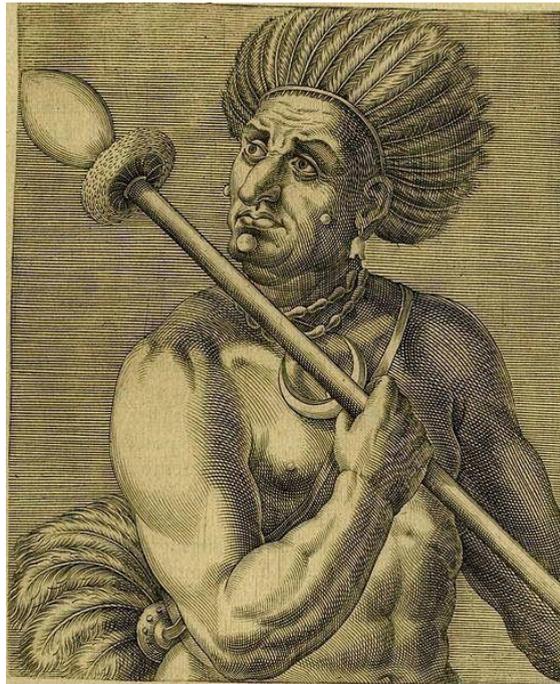
Segundo os cronistas da época, Cunhambebe era um homem notável pela capacidade de controlar os recôncavos e angras através de canoas, atacando **São Vicente** e **Santos** por mar, bem como pela abordagem às galés e caravelas que passavam por aqueles portos ou neles fundeavam. Seu nome era temido por todos os navegantes da costa, que lhe atribuíam os mais espetaculares feitos.

Era tido como um guerreiro ousado, não respeitava peças de artilharia e gabava-se de ter comido mais de "dez mil" inimigos.

André de Thevet fez dele um retrato no qual figura um homem alto, forte de feições grosseiras, tendo o lábio inferior furado com um botoque.

O cronista que mais se detém em sua descrição é Hans Staden, alemão que esteve prisioneiro dos indígenas por volta de 1550 e relatou ter conhecido o chefe pessoalmente. Staden narra que Cunhambebe ficava extremamente satisfeito em saber o quanto era temido.

Não se sabe ao certo os motivos e nem a época de sua morte, mas há referências de que tenha morrido de "peste" entre 1554 e 1560, logo após a chegada do francês Villegagnon ao Rio de Janeiro.



Gravura representando o Cacique Cunhambebe, um dos líderes da Confederação dos Tamoiós; de autoria de André Thevet.

<https://2.bp.blogspot.com/-fTKusewFlcw/U4YeQW3b6YI/AAAAAAAAABU/dmHKhrktE-4/s1600/Tamoiós+imagem..JPG>. Acesso em: 22/08/2020.

Os indígenas reagiram de maneiras diversas à presença dos colonizadores e invasores. Eles desenvolveram formas de alianças que priorizavam, acima de tudo, seus interesses, decidindo a quem se aliar. Alguns apoiavam os portugueses, se considerassem isso uma oportunidade para lutar contra seus inimigos tradicionais. Outros grupos preferiam apoiar os franceses, por exemplo, mas tinham o mesmo objetivo: derrotar seus rivais nativos.

ATIVIDADE

- 1 - "A importância de Tibiriçá reside em ter sido o protagonista na formação das 'relações luso-indígenas' na região que veio a ser São Paulo". Analise a forma como a aliança com Tibiriçá beneficiou os portugueses e seus impactos para o grupo liderado por ele.
- 2 - Descreva o "cunhadismo" e quais as vantagens obtidas por João Ramalho ao se inserir nessa tradição indígena.
- 3 - É correto afirmar que Cunhambebe era um aliado dos portugueses? Por quê?